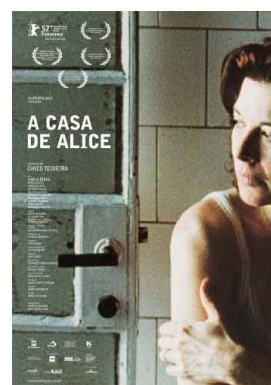


As “*Alices*” que me movem: Simulacro e Verossimilhança no filme *A casa de Alice**

Franciele Paes Pimentel[†]
Universidade Federal da Bahia

Partindo da premissa de Adorno¹ sobre o gênero ensaístico, tomo aqui a liberdade de descrever o caminho percorrido até a escolha do foco de análise deste estudo. O clássico “*Alice no País das Maravilhas*”, de Lewis Carroll (1865), permeia meus estudos desde a escrita de minha Dissertação em 2008/2009. Ao considerar as inúmeras possibilidades de relações entre esta obra e o conteúdo apresentado na disciplina Teorias



*Ensaio apresentado à disciplina Teorias da Representação Literária ministrada pela Prof^a Evelina Hoisel do Programa DINTER UFBA/UNIOESTE (Doutorado Interinstitucional Universidade Federal da Bahia – UFBA/Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE).

[†]Mestre pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

¹ No texto intitulado “*Ensaio como forma*”, Theodor Adorno defende a forma ensaística como a maneira mais adequada do autor traduzir seu pensamento: estabelecendo um contato direto com o leitor, coordenando suas ideias, mostrando de forma subjetiva a escolha do tema e demonstrando espontaneidade na exposição das opiniões. É assim que Adorno julga o ensaio, afirmando que nesta forma é dada ao autor a possibilidade de decifrar seu objeto sem prender-se à teia rígida dos conceitos. Cf. ADORNO, Theodor. Ensaio como forma. In: *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

da Representação Literária², me vi diante das possíveis interlocuções existentes entre o clássico literário e o filme “*A casa de Alice*”, de Chico Teixeira (2007); a começar pelo nome.

Inserida no universo de significações que constitui o maravilhoso mundo de Alice (a da obra literária) e os percalços vividos pela personagem Alice (a da casa), fui em busca da crítica ao filme, ganhador de diversos prêmios nos festivais nacionais e internacionais pelos quais passou.

Foram diversos os textos encontrados a respeito do filme, em especial na internet, dentre eles a crítica de Rodolfo Lima³, que trazia a seguinte afirmação: “*Retratados sem maniqueísmos os familiares de Alice, não são meros simulacros. São verossímeis e se não residem dentro da nossa casa, estão ao lado, no parente distante.*” Aqui encontrei o ponto de convergência entre a narrativa cinematográfica e as Teorias da Representação Literária: Por que afirmar que os personagens não são meros simulacros? E por que os mesmos são verossímeis?

Compartilhando ainda da ideia de Adorno, decifro os questionamentos à luz das teorias clássicas de Platão, retomadas por Deleuze; e também das contribuições de Compagnon, no intuito de minimizar as inquietações pertinentes à definição dos termos simulacro e verossimilhança. Contudo, sem prendê-los à forma rígida dos conceitos, mas considerando, despretensiosamente, uma simples interpretação.

O termo simulacro, desde os anos 1970 e 1980, vem adquirindo uma conotação bastante generalizada. É comum encontrarmos o termo fazendo referência a algo artificial, ou seja, a um conjunto ficcional cujo valor é equiparável ao “modelo verdadeiro”. Tem-se que o primeiro filósofo a desenvolver a noção de simulacro, de forma mais abrangente, foi Gilles Deleuze, apresentando a noção de simulacro de uma forma crítica e liberta. É importante ressaltar a evolução do pensamento deleuziano no que tange às teorias do simulacro, uma vez que, a partir de suas publicações, o teórico tornou-se um dos maiores comentadores da história da filosofia.

² Disciplina obrigatória da Linha de Pesquisa em Literatura do Programa DINTER UFBA/UNIOESTE.

³ Jornalista, ator e crítico de cinema. Sua crítica ao filme *A casa de Alice* pode ser lida em www.cranik.com/acasadealice_critica.html.

Na obra *A Lógica do Sentido*, Deleuze aponta uma mudança de tom e de teor aos seus estudos, fazendo considerações sobre o pensamento grego e sua recepção. Na visão de Platão os simulacros seriam erros, cópias ruins da *mimesis* e Deleuze apresenta nesta obra a resposta a tal afirmativa na intenção de “fazer subir os simulacros, afirmar seus direitos entre os ícones ou as cópias.” (DELEUZE, 1974, p. 267), frase que caracteriza a tão bem conhecida “reversão do platonismo”.

Nas considerações de Deleuze, Platão considera que o simulacro possui um valor inferior ao ícone, para tanto o justifica ao apontar o seu “efeito improdutivo”, que estaria relacionada a uma imitação que não passa de uma simulação, cujos efeitos de semelhança residem apenas em seu nível exterior. O efeito produtivo, para Platão, dizia respeito à dimensão, profundidade e à distância que o simulacro deve ter.

Platão precisa o modo como este efeito improdutivo é obtido: o simulacro implica grandes dimensões, profundidades e distâncias que o observador não pode dominar. É porque não as domina que ele experimenta uma impressão de semelhança. O simulacro inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista. Em suma, há no simulacro um devir-louco, um devir ilimitado [...]. (DELEUZE, 1974, p. 264)

Se considerarmos possível a relação entre o “observador” de Platão e o leitor da pós-modernidade, é notório um dos pontos de tensão existentes na teoria platônica que podem ter gerado a ânsia pela “reversão do platonismo”:

[...] Por sua vez, o viver em linguagem na pós-modernidade solicita esse leitor astucioso, capaz de migrar e transmigrar através dos signos e das linguagens que trançam a malha cultural contemporânea. Trata-se, portanto, de delinear o perfil de um leitor compromissado com determinados protocolos de leitura, utilizando-se de aparatos interpretativos que sustentam os seus investimentos afetivos, pois, da perspectiva aqui esboçada, a leitura se processa em um entre-lugar da afetividade do saber. Saber precário, que não se

quer totalitário nem totalizante, mas que também nada tem de liberal, no que diz respeito a conferir ao texto um sentido consistente e unívoco. (HOISEL, 2008, p. 66)

O leitor contemporâneo é parte do texto que lê, uma vez que encontra no texto as diversas possibilidades de entendimento que lhe é pertinente. O “devir-louco” a que Deleuze faz referência seria a constante oscilação que permeia essas diversas possibilidades de entendimento do simulacro, uma oscilação contínua entre um universo e outro:

[...] um devir subversivo das profundidades, hábil a esquivar o igual, o limite, o Mesmo ou o Semelhante: sempre mais e menos ao mesmo tempo, mas nunca igual. Impor um limite a este devir, ordená-lo ao mesmo, torná-lo semelhante – e, para a parte que permaneceria rebelde, recalculá-la o mais profundo possível [...] tal é o objetivo do platonismo em sua vontade de fazer triunfar os ícones sobre os simulacros. (DELEUZE, 1974, p. 264)

É importante ressaltar que Platão já evidenciava sua “repulsa” pelo simulacro no Livro IV da *República*, onde apontava a arte poética como algo inútil, uma vez que era subversiva ao homem – o homem imitava uma realidade depreciativa que não poderia levá-lo ao bem. Esta visão é percebida quando os poetas são expulsos da *polis*, por terem falsificado a imagem dos deuses como corruptos e ainda por produzirem simulacros de generais, governantes, médicos, sem que estes possuíssem o saber digno às suas atribuições. Os poetas foram então expulsos porque suas produções foram vistas como tipos-cópias, que não poderiam servir de modelo para os cidadãos de um Estado filosófico ideal baseado na justiça.

O platonismo funda assim todo o domínio que a filosofia reconhecerá como seu: o domínio da representação preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação extrínseca a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento. O modelo platônico é o Mesmo: no sentido em que Platão diz que a Justiça não é nada além

de justa, a Coragem, corajosa etc. – a determinação abstrata do fundamento como aquilo que possui em primeiro lugar. À identidade pura do modelo ou do original corresponde a similitude exemplar, à pura semelhança da cópia corresponde a similitude dita imitativa. (DELEUZE, 1974, p. 264)

Torna-se pertinente reforçar a teoria de Platão com relação ao simulacro, uma vez que a partir de suas próprias imposições foi possível avistar adiante a possibilidade da reversão de suas teorias. “Não se pode dizer, contudo, que o platonismo desenvolve ainda esta potência da representação por si mesma: ele se contenta em balizar o seu domínio, isto é, em fundá-lo, selecioná-lo, excluir dele tudo o que viria embaralhar seus limites.” (DELEUZE, 1974, p. 264).

Assim, o próprio Platão impõe seus limites, quando em seus desdobramentos põe em cheque as noções de cópia e de modelo, o que nos leva a pensar que o próprio filósofo deu aos filósofos contemporâneos o alimento para aquilo que Deleuze chama de “reversão do platonismo”.

Partindo da premissa de que o simulacro era visto por Platão como algo de efeito improdutivo, tem-se que a reversão do platonismo trouxe enfim uma nova forma de assimilação do termo. Mas não se trata de desmentir/desconsiderar a teoria platônica e sim de esmiuçar e compreender as tensões que nela residem, gerando assim diferentes entendimentos.

Mas se o simulacro trouxe consigo esta noção problemática e negativa, foi justamente por causa da sua injusta marginalização, afinal, à revelia de Platão, a intenção com a reversão do platonismo era justamente a de afirmar o simulacro entre as cópias e os ícones, dando-lhe o mesmo valor destes. Assim, como Deleuze (1974) afirma: “o simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o *original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução*. (DELEUZE, 1974, p. 267- grifo do autor).

Assim, dada a exposição do termo simulacro, passemos então ao entendimento da noção de verossimilhança para, enfim, procedermos ao objetivo deste estudo.

Partimos da definição de verossimilhança dada pelo dicionário Silveira Bueno:

VEROSSIMILHANÇA, s. f. Qualidade do que é verossímil; verdade; coerência. (BUENO, 2007, p. 795)

E do termo verossímil:

VEROSSÍMIL, adj. Semelhante à verdade; que tem aparência de verdadeiro. (BUENO, 2007, p. 795)

Assim, de acordo com o Dicionário de Termos Literários de Mas-saud Moisés:

VEROSSIMILHANÇA – Lat. *veri*, verdade, *similis*, semelhante à. (MOISÉS, 1988, p. 465)

No livro “*O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*”, Antoine Compagnon aborda o conceito de verossimilhança a partir da relação entre literatura e realidade, entendendo o mundo como o sujeito e a matéria da obra. A indicação do subtítulo “*O Mundo*” [Capítulo III do livro citado], se refere à representação. Mas não se trata mais de uma representação da realidade, afinal a própria realidade é dada pelos argumentos/pressupostos apresentados na narração:

No cinema, trata-se da verdade do filme. Por entender tratar-se da verdade interna, costumamos dizer: "acreditamos que o super-homem voa". Porque essa é a premissa estabelecida, habilmente construída pela narrativa em questão. Sim, a obra precisa assemelhar-se à vida, mas dentro da lógica e coerência construídas pela narrativa. Se fosse apenas "semelhança" com a vida, o super-homem não poderia voar. (CASTRO, 2005, p. 4)

Quando o crítico Rodolfo Lima afirma: “*Retratados sem maniqueísmos os familiares de Alice, não são meros simulacros. São verossímeis e se não residem dentro da nossa casa, estão ao lado, no parente distante.*”, este aponta para a possível fragilidade do simulacro, por implicar sempre uma perversão, um desvio da realidade. O simulacro não é a cópia degradada, como afirma Deleuze (1974), pois nega o original e a cópia, o modelo e a representação, logo não objetiva a semelhança.

Já a verossimilhança captura toda a possibilidade de persuadir, de convencer de que o que está sendo mostrado é real. Ao assistir o filme é possível perceber que os personagens não representam pessoas específicas, fogem à cópia, mas a narrativa traz a coerência interna ao texto, tanto personagens quanto enredo são plausíveis.

O verossímil, como insistirão os teóricos, não é pois, aquilo que pode ocorrer na ordem do possível, mas o que é aceitável pela opinião comum, o que é *endoxal* e não *paradoxal*, o que corresponde ao código e às normas do consenso social. (COMPAGNON, 2001, p. 107)

Não se trata mais da verdade do filme, e sim de uma *verdade real*, passível de acontecer. Aqueles personagens retratam uma realidade possível, podiam estar dentro da nossa casa, ao lado ou até ser a representação de uma parente distante, como o próprio crítico afirma.

O drama narrado em “*A casa de Alice*” parece-nos remeter a uma outra Alice, a de Lewis Carroll, em “*Alice no país das maravilhas*”, pois a personagem central do filme também mergulha em um mundo de fantasias para fugir da sua cruel realidade – a infidelidade do marido, crise no casamento, a indiferença dos filhos, a impotência frente aos problemas da mãe. Ela mente e passa a estabelecer novos sentidos às experiências que vive.

A Alice do país das maravilhas é a personificação do simulacro, porque o habita. Deleuze (1974) explica esta relação no momento em que afirma ser a obra um completo *nonsense*, não segue uma lógica normal, é a desordem cronológica. Essa desordem é notória nas variações de tamanho da personagem do livro:

Quando digo “Alice cresce”, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é o mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela se torna um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta

ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo. (DELEUZE, 2007, p. 01)

Ao discutir a vida cotidiana de uma família suburbana de São Paulo, Chico Teixeira envolve-nos numa trama de sentidos e emoções. Estes, distante do simulacro “Alice no país das maravilhas”, nos traz uma possível realidade, afinal:

O estar diante dos fatos é uma ilusão em dois sentidos: nem o cineasta pode garantir que apreendeu no filme a realidade, uma vez que são sempre possíveis outros enquadramentos; muito menos o filme deve pretender ser a realidade, pois se trata, em qualquer hipótese, de uma representação. Há, em toda narrativa, constantes e fundamentais escolhas estéticas e ideológicas, mesmo que implícitas, mesmo que remotas. [...] O cinema será entendido como realista se apreender e narrar bem, com verossimilhança, parte significativa do drama humano. (CASTRO, 2005, p. 5)

Desta discussão do simulacro e verossimilhança, podemos afirmar que a verossimilhança é a própria verdade da narrativa, sua verdade interna, é a coerência à proposta do filme, a audácia e a perspicácia em demonstrar os dramas humanos. Trata-se da realidade dos personagens, uma espera da semelhança com o mundo.

Referências

- ADORNO, Theodor. (2003) “Ensaio como forma.” In: *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34.
- BUENO, Silveira. (2007) *Minidicionário da língua portuguesa*. 2. Ed. São Paulo: FTD.

- CARROLL, Lewis. (2002) *Alice no país das maravilhas*. Trad. Clélia Regina Ramos. Petrópolis, RJ: Editorial Arara Azul. Versão digital disponível em: www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html.
- CASTRO, Guilherme. (2005) Documentário, realidade e ficção. *Revista AV-Audio Visual*. São Leopoldo do Sul – RS: Unisinos, v. 3, nº 5, jan-jun.
- COMPAGNON, Antoine. (2001) *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- DELEUZE, Gilles. (1974) “Platão e o Simulacro.” In: *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva.
- HOISEL, Evelina. (2008) O leitor astucioso. In: NASCIMENTO, Evando. (Org.) *Literatura e experiência: teoria crítica e relato*. São Paulo: Anablume; Juiz de Fora: Luiz de Fora: PPG – Letras Estudos Literários, UFJF, p. 63-74.
- MOISÉS, Massaud. (1988) *Dicionário de termos literários*. 5ª ed. Editora Cultrix: São Paulo.
- PLATÃO. (1900) *A República*. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian.